

1ª PARTE – DOSSIÊ

CORPO E EDUCAÇÃO: CULTURAS E PRÁTICAS

Apresentação do Dossiê

Danilo Di Manno de Almeida

Chamar para o cenário educacional o tema “corpo” produz constrangimentos semelhantes àqueles que sofreria um nativo a quem os invasores solicitassem a comprovação da propriedade territorial. Quanto mais o nativo expuser argumentos, mais o debate ficará acirrado, aumentando a distância entre um e o outro. Respeitada a analogia, é assim que nos encontramos em relação ao corpo neste dossiê ou em qualquer discussão sobre ele. Quanto mais tentarmos entender “racionalmente” o corpo ou quanto mais procurarmos “defendê-lo”, maiores serão seus constrangimentos.

A simples menção da palavra “corpo” num contexto acadêmico já é suficiente para que se pergunte, sem mais, sobre o sentido que se dá a ele na relação “corpo e educação”. Sabemos que neste ambiente qualquer termo suscita discussão, *até* sobre o corpo. Ou, *sobretudo*, sobre o corpo? Mas o que causa estranhamento é o próprio estranhamento embutido ou mesmo expresso nas indagações. Pois quando são solicitados esclarecimentos, há quem diga, tropeçando nas palavras: “corpo... físico, eh... matéria?” Outros, mais abstratos, elucubram: “corpo holístico, ser humano, pessoa?”

E como, ou por que, tentar *convencer*, por exemplo, de que a fala sobre o corpo é uma fala-no-corpo sobre o corpo. Esse estranhamento, as indagações e os intentos de compreensão não são, todos eles, *opus corporis*, obra do corpo? E a ausência ou presença do corpo na educação, não é, qualquer que seja a situação, *opus corporis*? Qualquer que seja o caso, a proposta deste dossiê é deixar o corpo falar... E ouvir as falas do corpo e o próprio corpo, lendo e sentindo o corpo que se diz nas teorias sobre ele, tão diversamente oferecidas neste dossiê.

Textos, posicionamentos, análises e metodologias indicarão os lugares de onde falam os corpos dos autores que contribuem com esse dossiê. O termo *lugares* refere-se não só a perspectivas, mas a espaços geográficos. Além dos brasileiros e brasileiras, foram convidados pesquisadores da Universidad Autónoma do México, da Universidad del Zúlia (Venezuela) e da Universidad de Barcelona (Espanha). A esses autores foi dada a possibilidade de escolher entre duas abordagens, privilegiando aspectos da cultura ou da prática, como segue.

Culturas – Quais são as concepções de corpo presentes, negadas, refletidas ou impostas na cultura vigente? Quais os impactos destas concepções na educação, levando-se em conta que essas concepções podem ser várias, expressando vários conflitos culturais no interior de uma tradição cultural dominante? A educação é compreendida como sistema ou projeto educacional, em qualquer um dos níveis (infantil, fundamental, médio e universitário). Este enfoque oferece uma visão mais conceitual e cultural sobre o corpo e suas relações com os projetos, processos, políticas gerais da educação.

Práticas – Apresentar, descrever e explicitar, de maneira crítica e avaliativa, as práticas a que os corpos são submetidos no cotidiano escolar, formal e institucionalizado. Estamos no universo das práticas escolares cotidianas em sala de aula (pode ser também no ambiente escolar). O tema pode ser abordado em qualquer um dos níveis (infantil, fundamental, médio e universitário). Este enfoque oferece uma visão mais descritiva de práticas escolares cotidianas, nos limites do ambiente escolar em geral ou, mais precisamente, na sala de aula. Inclui também as práticas culturais de cunho educativo (educação não-formal).

Os textos

Os textos vindos do México têm em comum a mesma fonte epistemológica, embora difiram na abordagem e na condução das questões examinadas.

O primeiro texto, de Norma Delia Duran Amavizca, “En el paradigma de la educación el cuerpo, ¿dónde?” é provocante e questionador porque põe diretamente o embate entre as culturas

européia e mexicana. Mostra um viés muito interessante da costumeira relação entre globalização e modelos educacionais impostos a todos os povos (exportáveis, dir-se-ia, pelos globalizáveis), ao introduzir o corpo neste dueto. É pelo tema do corpo que Norma Durán mostra a ausência do corpo no “paradigma integral” da educação; essa ausência explica os solavancos (bandazos) na educação mexicana. Para que não haja risco de cair novamente numa abstração do corpo, a autora nos faz adentrar nos órgãos corporais (coração, fígado, rins, por exemplo), utilizando-se de pesquisa feita com alunos entre 12 e 15 anos de idade. A autora faz sérias considerações sobre o encobrimento de sua cultura pelo “vírus global” e sua epistemologia integralista; apresenta a proposta de um “ponto de partida ontológico” (corpo-intuição-razão) e de uma epistemologia capaz de criar uma nova proposta educativa.

O artigo de Sergio López Ramos exigirá uma leitura mais atenta, pois o autor faz várias inserções, em vários níveis de análise exploratórias, sobre o tema “corpo”. “El cuerpo humano, la cultura y la salud” explicita, em muitos sentidos, os fundamentos epistemológicos que sustentam, em parte, as análises de Norma Duran. Para se ter uma idéia da riqueza e profundidade de seu texto, são abordadas as relações entre corpo e seus órgãos, entre corpo e cultura e as concepções ocidentais do corpo que servem de base para a formação escolar. O autor expõe o que chama de “novo princípio de resignificação” que incidirá sobre a pedagogia e poderá trazer alterações no processo de educação do corpo.

Outra contribuição do México chega-nos indiretamente, por meio da resenha do livro *Eros en el aula*, de outro pesquisador da Universidad Nacional Autónoma do México, o professor Miguel Escobar, resenhada de maneira apaixonada por Maria Leila Alves.

A bela abordagem de “La libertad sensible: más allá de la represión racional corporal”, feita por Álvaro B. Márquez-Fernandez, da Universidad de Zúlia, Venezuela, mostra, nas várias dobras e desdobramentos do problema, como a cultura ocidental ocultou, de maneira repressiva e racional, a corporeidade. Sua primorosa análise fenomenológico-existencial retrata cuidadosa-

mente a construção progressiva que resultou na formação de uma visão racional de mundo, que se expandiu de uma circunscrição geográfica européia para todos os rincões do mundo. Racionalidade que faz suas digressões nas imagens da modernidade audiovisual e mercantilista. Postula, por sua vez, a liberdade sensível do corpo. Uma liberdade que suscita a aprendizagem sobre o corpo – nosso corpo e o corpo do outro; liberdade que nos leva a colocar a sensibilidade como ponto de partida para a compreensão racional do mundo, pois o que se pretende é realizar a missão de uma “filosofia da sensibilidade crítica”.

“Cuerpo y complejidad: experiencias desde el arte en la educación superior”, de Alejandra Montané López, acumula crítica e criatividade em sua análise, evidenciando práticas educacionais que transpõem o estado *crítico* próprio do modelo educacional fundado no racionalismo moderno. Parte do princípio de que a própria situação educacional é uma maneira de evocar, de uma só vez, os corpos e o poder. A autora não ignora os “mecanismos de controle, poder, dominação e docilização corporal nas instituições educativas” (vigilância, normalização, exclusão, classificação, distribuição, totalização, regulação). Contudo, não faz a crítica da “prioridade educativa”, que toma a cisão cartesiana entre corpo e mente e outros dualismos como elemento norteador. Prefere construir o pedagógico apoiando-se no contexto epistemológico e investigativo da complexidade. Assim, por meio de uma “educação artístico-estética-corporal”, abre-se a práticas educativas que incluem “corpo, coração, cérebro e contexto” e a outros princípios (incerteza, acaso, não-linearidade, recursividade e autopoiesis). O texto de Alejandra nos apresenta práticas educativas criativas na educação superior da Espanha. Além de mostrar as ações realizadas em um centro de recursos educativos para pessoas com diferentes *handicaps*, explicita os fundamentos, os desafios da criação pedagógica e as mutações “didáticas” do que chama de ação educativa do “artista-pedagogo”.

No conjunto dos textos do Brasil, segue uma conversa com Moacir Gadotti feita pelo organizador deste dossiê, contando com a presença de outros participantes. O propósito deste encontro é estabelecer, pela interrogação e pela hipótese, as possí-

veis relações da obra pedagógica freiriana com a temática do corpo. Em razão de sua convivência com Paulo Freire, o professor Moacir Gadotti nos fez conhecer atos e reflexões que o pedagogo fazia acerca de seu próprio corpo.

Laurinda Ramalho de Almeida propõe um trabalho sobre os coordenadores: o corpo na perspectiva do coordenador pedagógico. A partir da teoria de Wallon, a autora põe em cena a coordenação pedagógica e ilumina com os holofotes da metáfora as dificuldades de incluir o corpo nas discussões sobre aprendizagem e ensino. Sua contribuição é fundamental porque nos faz abordar a temática sobre um campo de ação do ambiente escolar. No cenário da coordenação pedagógica, encenam corpos ausentes e corpos presentes, integrando-se, desintegrando-se em seus sentimentos, cognição e movimentos corporais. Na consonância e dissonância dos discursos dos coordenadores, a situação é, como ocorre costumeiramente, dramática.

O ensaio que finaliza este dossiê pode ser considerado uma pesquisa de pesquisa. Ele tem como objeto um levantamento inicial sobre o acervo *on-line* das universidades brasileiras, no qual verifica as ocorrências da relação temática “corpo e educação”. Embora tenha um campo restrito de busca e análise, essa pesquisa nos ajudará a visualizar parte do que tem sido feito na pós-graduação no Brasil. Além do que, tentará chegar a algumas conclusões sobre o que viram nas andanças virtuais. O ensaio é de autoria de mestrands do PPG em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, Ana Célia Araújo Silva, Carmen B. Lopes, Zilda Amélia Assis e do mestre, pelo mesmo Programa, Wesley Adriano M. Dourado.

Boa leitura! Pelo fato de compartilharmos a mesma *matriz* educacional (européia e moderna), apesar de diferenças culturais de recepção ou rejeição dessa matriz, o que se diz aqui sobre o “corpo” é dito sobre *nosso* corpo. A possível indignação, alegria, surpresa ou qualquer outro sentimento ou conhecimento que os textos possam despertar em nós deixará nossos corpos em um estado diferente – em grau e intensidade que o corpo permitiu. Que seu corpo não seja o mesmo depois de ouvir, ler, sentir o que nossos convidados dizem sobre o corpo. No mínimo, que

esta seja uma ocasião para você começar a ouvir mais o seu corpo... Mais até: que seja ocasião para desfrutar um nível intenso do próprio corpo e ouvir, no silêncio da intimidade, suas palavras de sabedoria...